

Comunicação e mediações: *novas perspectivas*

**ENEUS TRINDADE
LUCIANO VICTOR BARROS MALULY
MARIA ANGELA PAVAN
MARIO L. FERNANDES (orgs.)**

**PROCAD – CAPES
Universidade de São Paulo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul**

ISBN 978-65-88640-27-2
DOI 10.11606/9786588640272

**São Paulo
Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP)
2021**

Brasil, Alemanha e futebol: confrontos, mediações e multiculturalismo no jornalismo internacional

Luciano Victor Barros Maluly¹

Enio Moraes Júnior²

Introdução

A Copa do Mundo de Futebol Masculino, organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), é o evento mais importante de um único esporte. O Brasil já venceu cinco campeonatos (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002), seguido da Alemanha (1954, 1974, 1990 e 2014) e da Itália (1934, 1938, 1982 e 2006) com quatro; da Argentina (1978 e 1986), do Uruguai (1930 e 1950) e da França (1998 e 2018) com dois; Espanha (2010) e Inglaterra (1966), com um título cada.

Brasil e Alemanha enfrentaram-se duas vezes em partidas válidas pela Copa do Mundo. O primeiro jogo aconteceu na final do Mundial de 2002, no International Stadium, em Yokohama, no território japonês, com placar de dois a zero favorável aos brasileiros. A segunda partida aconteceu na semifinal do torneio de 2014, com resultado de sete a um para os alemães, em jogo realizado no Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte (MG).

173

Este capítulo analisa de que forma os resultados nos Mundiais de 2002 e 2014 influenciaram bilateralmente a cobertura internacional e, por si, as relações multiculturais entre Brasil e Alemanha. A pesquisa é um projeto do ALTERJOR (Grupo de Pesquisa em Jornalismo Alternativo e Popular) do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em parceria com o Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), que vincula os Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom) da ECA/USP, em Comunicação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ambos no Brasil. Os resultados deste trabalho foram apresentados no Congresso da Adlaf (Associação Alemã de Pesquisa sobre a América Latina), que aconteceu em Berlim, na Alemanha, entre os dias 7 e 9 de junho de 2018. O tema do evento foi *Futebol e Sociedade na América Latina*.

Teorias do jornalismo e multiculturalismo

Uma corrente associada ao *newsmaking* articula-se ao objeto desta pesquisa:

a teoria do *gatekeeping*, conforme proposta dos pesquisadores Pamela Shoemaker e Tim Vos (2011). Os autores enfatizam a compreensão da notícia a partir do seu processo, considerando cinco níveis de análise de sua produção: *individual* (pessoas, atitudes e valores pessoais); *as rotinas de comunicação* (práticas profissionais); *a organização* (estrutura da propriedade, posicionamento no mercado); *as instituições sociais* (mercado, governos e organizações) e *o sistema social* (economia e política; ideologia e cultura).

Considerando essas variáveis, os autores propõem o que denominam uma “perspectiva ecológica” para seu estudo da notícia e da informação, situando a sua produção como um processo macrosociológico – *gatekeeping* – no qual os níveis estabelecem permanentemente relações bivariadas de apoio e/ou tensões entre si e/ou o todo. Para o *gatekeeping*, a narrativa jornalística está intensamente carregada de valores subjetivos e ideológicos dos responsáveis pela construção da notícia, além das transformações e mediações ocasionadas por esse processo, conforme colocam Shoemaker e Vos:

Gatekeeping é o processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação na quantidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente, além de ser o papel central da mídia na vida pública moderna. As pessoas confiam em mediadores para transformar informações sobre bilhões de eventos em um subgrupo gerenciável de mensagens midiáticas (SHOEMAKER; VOS, 2011: 11).

174

Ao enxergar jornalismo como processo de forças dinâmicas, o *gatekeeping* alerta para a ideia de não-isenção da cobertura e de mediação jornalística. Entretanto chama atenção o fato de que, entre ser isento e ser ideológico, o jornalista precisa ser responsável e ético. Isso significa compreendê-lo dentro de tênues linhas que contam os acontecimentos no mundo, ao mesmo tempo que também polemizam e estimulam o debate.

O jornalismo é uma instituição capaz de oferecer elementos concretos em defesa das pessoas e dos direitos humanos. E é no cumprimento desse dever ou na sua falha que residem as críticas sobre o próprio jornalismo. Nesse sentido, a profissão guarda relações próximas com discussões ligadas ao multiculturalismo.

O sociólogo Stuart Hall (2005) analisa a complexidade do termo e adverte para os usos discursivos – políticos ou oportunistas – que são feitos da palavra, muitas vezes simplificando-a. Embora, para ele, esse significado seja, de fato, rico, é importante que o conceito e a substância sejam sempre retomados e conservados em perspectiva. Ou seja, como uma vontade e um projeto político capaz de consolidar a convivência entre as diferenças entre povos e culturas. Segundo Hall:

(...) o termo “multiculturalismo” é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais (HALL, 2005: 52).

Para o autor, a questão do multiculturalismo – como estratégia de convivência entre grupos – sinaliza mais que um conjunto de ações, sendo, de fato, um leque para discussões. Hall observa que, desde o final da Segunda Guerra Mundial, seguido pelo fim da Guerra Fria e, principalmente, com a globalização, que se acentua a partir dos anos 70, as culturas tendem a estar juntas. Nesse cenário, a relação entre os grupos pode ser tanto de aceitação e convivência como de conflitos.

No entanto, o autor enfatiza algumas questões a partir da globalização. Ele pondera que, se, por um lado, ela tenta ser homogeneizante, por outro, há formas de resistência. É exatamente no seio desses conflitos que se tornam importantes os discursos e a mídia. Um trecho retirado da obra de Hall merece atenção para este estudo:

Juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe a “proliferação subalterna da diferença”. Trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea o fato de que, culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si (um tipo de americanização da cultura global, por exemplo). Entretanto, concomitantemente, há a proliferação das “diferenças”. O eixo “vertical” do poder cultural, econômico e tecnológico parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças “locais”, as quais o “global-vertical” é obrigado a considerar (HALL, 2005: 60).

175

A base da concepção de uma “proliferação subalterna da diferença” ilumina esta pesquisa, pois permite enviesar a discussão sobre a cobertura midiática das partidas de futebol entre as seleções do Brasil e da Alemanha, tentando entender em que pontos a cobertura funciona dentro de uma padronização global, imposta pela ordem política, econômica e social e, principalmente, em que momentos e de que forma o “local” de cada uma das nações e culturas se sobressai. Ao refletir sobre a cobertura do futebol no âmbito da produção de sentidos, é no próprio cenário dessas contradições que as teorias do jornalismo, especialmente a abordagem de *gatekeeping* descritas por Shoemaker e Vos (2011), dão conta exatamente do “modelo de poder mais discursivo” citado acima por Hall (2005: 59).

Jornalismo brasileiro especializado em esportes

O jornalismo esportivo brasileiro possui uma ligação já conhecida com as

competições, com as atividades físicas e as práticas esportivas estando, na maioria das vezes, relacionadas com os eventos. O professor e pesquisador Ivan Cavalcanti Proença assim descreve a primeira notícia impressa sobre uma modalidade esportiva, no caso o futebol, que foi publicada em 17 de outubro de 1901, no jornal *O Comércio*, de São Paulo:

FOOT-BALL: No sábado, à tarde, e no domingo de manhã, se realizam dois matches de foot-ball nesta cidade, entre os rapazes dos clubes daqui e do Rio de Janeiro, que para esse fim vêm a esta capital especificamente.

É a primeira vez no Brasil que se joga um match deste interessante sport entre dous Estados, e se acrescentamos que são brasileiros os rapazes que na maior parte vêm do Rio disputar o campeonato - 1901, há justo motivo de nos regozijarmos por que, finalmente, a nossa gente começa a dedicar com afinco a este utilíssimo exercício, cujos benefícios para as nossas futuras gerações se hão de patentear na sua robudez física, condição essencial em todos os ramos do labor humano.

A nossos leitores, que aconselhamos não perderem um minuto deste interessante encontro, prometemos todos os pormenores que os possa guiar e conduzir nesta curiosa prova de foot-ball. (PROENÇA, 1981: 24-25)

176

Em um estudo pioneiro sobre o jornalismo esportivo brasileiro realizado na Universidade de São Paulo, o pesquisador Ouhides João Augusto da Fonseca (1981) reforça a importância das mídias, como o rádio e a televisão, e do futebol, como fatores fundamentais para a consolidação do esporte como uma área de cobertura do jornalismo brasileiro. “Somente com o surgimento do rádio - que deu instantaneidade à cobertura dos fatos esportivos - é que o jornalismo impresso melhorou seu respectivo setor, quer em termos de diversidade temática quer de quantidade de colunas” (FONSECA, 1981, p. 21).

Foi exatamente por conta da sua visibilidade e midiaticização que a Seleção Brasileira de Futebol começou a se destacar no cenário internacional, especialmente após as vitórias nas Copas de 1958, 1962 e 1970. Após esse período, surge uma crise no futebol brasileiro, como analisa o sociólogo e pesquisador Ronaldo George Helal:

Nas décadas de 50 e 60, o futebol brasileiro consolidou-se como uma forma cultural capaz de trazer muito orgulho à nação. Além de vencer as copas de 58, 62 e 70, Pelé consagrou-se como o maior jogador de futebol de todos os tempos. De 1970 até 1990, no entanto, não conquistou uma Copa do Mundo sequer e a partir da década de 80 um número crescente de craques foi jogar no exterior. Estes fatores, somados à desorganização interna dos campeonatos e à queda de público, fizeram com que a mídia passasse a usar com frequência o termo “crise do futebol brasileiro” (HELAL, 1997: 41).

As conquistas brasileiras também pautaram outros estudos sobre o universo

do futebol, com destaque para o trabalho da socióloga norte-americana Janet Lever (1983). Duas expressões são tratadas pela autora: *futebol-arte* e *futebol-força*. A análise diferencia a relação entre a filosofia da modalidade no Brasil e na Alemanha, ou melhor, na América do Sul e na Europa. Segundo Lever:

O estilo sul-americano é considerado mais vistoso e com alto grau de improvisação, dando-se muita ênfase ao individualismo e ao ataque: ‘O futebol brasileiro é uma dança repleta de surpresas irracionais e variações dionisíacas’. Encarada como uma expressão de personalidade nacional, o futebol brasileiro é cheio de ritmo, como se fosse um balé, esperto e malicioso: os brasileiros usam a palavra alegre, significando tanto feliz como vistoso, para descrever o seu estilo de jogar. Os europeus são mais controlados e metódicos, orgulhando-se do eficiente jogo de equipe e defesa. A seleção britânica vitoriosa na Copa de 1966 foi descrita como “sem nada de espetacular ... atacando cautelosamente com a paciência de um hábil cirurgião”. Os estilos russo e alemão estão associados com força e determinação”. (LEVER, 1983: 67-68).

Se, no auge, como observa Helal (1997), ou mesmo durante o período de crise, como anota Lever (1983), o futebol brasileiro esteve associado como um espetáculo cultural cheio de alegria e ritmo, diferenciando-se dos europeus pela força e determinação, como essa relação foi observada após a vitória de dois a zero na Copa de 2002 e a derrota por sete a um na Copa de 2014, ambas em jogos contra os alemães?

177

Durante a Copa de 2002, o pesquisador Sérgio Settani Giglio (2002) desenvolveu uma pesquisa em que oito técnicos da primeira divisão do futebol brasileiro opinaram sobre a Seleção Brasileira da época e sobre a relação futebol-arte e futebol-força e concluiu:

Sobre a seleção brasileira, quatro técnicos criticaram o estilo implantado pelo técnico Luiz Felipe Scolari, técnico que levou o Brasil à Copa do Mundo de 2002 e conquistou o título de pentacampeão mundial. (...) Os outros quatro técnicos disseram que a seleção crescerá durante a competição e que sempre será uma das favoritas. Um deles afirmou que mesmo com a vitória o modelo não deve ser reproduzido, pois aquele estilo de jogar obteve sucesso com aquele grupo de jogadores e naquela competição e pode ser que em outro momento os resultados seriam outros (...) No entanto hoje, no futebol-arte ou no futebol-força, o objetivo a ser conquistado é a vitória. A diferença está na maneira como esses estilos de jogo buscam a vitória. Segundo os técnicos, as equipes têm buscado atacar e defender com o máximo de eficiência, entretanto, até hoje, são poucos os times que conseguiram atingir esse equilíbrio”. (GIGLIO, 2002: 3).

Se a preocupação com a mudança de estilo de jogo e da representatividade eram evidentes em 2002, ela tornou-se ainda maior após a derrota de 7 a 1, em 2014. É o demonstram os pesquisadores José Carlos Marques e Neide Maria Carlos³, após

analisaram as imagens sobre o resultado dessa partida jornais brasileiros:

Dos elementos que teceram os sentidos nas capas de jornais, as vozes dos personagens que choram têm um peso significativo na indução de sentido. São imagens que possuem um forte caráter apelativo e que partilhariam uma dor como se ela fosse realmente uma dor da coletividade. É fato que o futebol no Brasil é produto de grande audiência, a qual se multiplica em tempos de Copa do Mundo. Mas essa crença no futebol como nosso maior talento já vem sendo questionada a tempos, num questionamento que toma corpo com a derrota vexatória dos “7 a 1”. É um ponto crucial na desconstrução dessa ideia do futebol como patrimônio nacional, sendo esse esporte, nos moldes do futebol espetáculo, uma forma menos ligada à cultura e mais ligada à exploração dos recursos financeiros que ele mobiliza (MARQUES; CARLOS, 2016: 59).

Este capítulo também proporciona um debate em torno das funções do jornalismo, especialmente o esportivo, ou seja, os conflitos e as mediações revelam uma tentativa de explicação e análise dos fatos, mas também demonstram como os meios e os jornalistas poderão contribuir para uma discussão que proporcione a aproximação entre as nações.

178

Metodologia

O objetivo geral desta pesquisa é entender se, e até que ponto, o futebol e a cobertura esportiva internacional interferem na convivência entre povos e nações. Assim, partimos da seguinte pergunta: de que forma esses resultados influenciaram bilateralmente a cobertura internacional e, por si, as relações multiculturais entre Brasil e Alemanha? A hipótese é que os jornalistas brasileiros estabelecem *pontos de vista* para além do campo esportivo. Sendo assim, os conflitos são mediados pelos jornalistas, com o objetivo de manter e, ao mesmo tempo, ampliar as relações multiculturais entre Brasil e Alemanha.

Do ponto de vista da metodologia, trata-se de um estudo de caso, utilizando a entrevista como técnica de pesquisa. O período da pesquisa se concentra no primeiro semestre de 2018. Este capítulo apresenta a versão de sete jornalistas brasileiros sobre o assunto. As perguntas a seguir foram enviadas por e-mail a partir de um contato prévio com cada jornalista. O período entre o envio das perguntas e o recebimento das respostas foi em torno de um mês, ou seja, fevereiro e março de 2018:

- **QUESTÃO UM:** Os campeonatos mundiais de futebol masculino estabelecem relações internacionais entre países, desde a maneira como os povos se enxergam e se relacionam até a convivência política, social e cultural entre as nações. Fazendo um parâmetro entre as Copas do Mundo de 2002 e de 2014, como o jornalismo brasileiro tratou, pontualmente, os vínculos entre Brasil e

Alemanha?

- **QUESTÃO DOIS:** A cobertura jornalística de um jogo de Copa do Mundo pode ser conduzida valorizando o encontro amistoso entre dois times ou a ideia de rivalidade. Quais são “os pontos de tensão” que o jornalismo esportivo brasileiro enfrenta nesse sentido e em que ele precisa avançar para se tornar um espaço de convivência e de multiculturalismo nas relações internacionais entre Brasil e Alemanha?

Os dados foram interpretados aplicando técnicas da análise de conteúdo (BARDIN, 2008). As discussões de multiculturalismo de Hall (2005), bem como conceitos desses termos decorrentes, como relações internacionais e referências à convivência e aos interesses políticos, econômicos e culturais são as categorias de análise consideradas.

Os entrevistados liberaram a publicação de seus nomes e dados em publicações decorrentes desta pesquisa. Inicialmente, contávamos que seis jornalistas participariam da amostra. Entretanto adotando uma atitude de vigilância em relação ao conteúdo trazido nas respostas, durante o período de análise dos dados, achamos conveniente ouvir pelo menos mais um entrevistado verificar se apareciam informações novas. Não houve. Entendemos que as entrevistas terminariam neste ponto e acolhemos as sete contribuições, uma acima do previsto. São eles:

179

- **Carlos Henrique de Souza Padeiro** esteve em coberturas de eventos como a Copa América de 2011, na Argentina, e os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. Atua como professor na área de jornalismo esportivo e editor do *Esporte (ponto final)*, do UOL (Universo Online), ligado ao grupo *Folha*.
- **Francisco José Bicudo Pereira Filho** é jornalista e autor dos livros *Memórias de uma Copa no Brasil* (2014) e *Crônicas Boleiras* (2015), entre outros. É professor universitário e repórter colaborador da *Revista da Fapesp*, da revista eletrônica *Giz* e colunista esportivo do *Chuteira F.C.*
- **Gerd Wenzel** nasceu em Berlim, mas vive no Brasil. Trabalha como jornalista, comentando jogos da *Bundesliga* e da Alemanha nos canais ESPN. Desde 2004, mantém na Internet um site sobre a Bundesliga⁴.
- **José Ricardo Campos Leite** é jornalista e gerente de conteúdos digitais do FOX Sports. Participou da Copa do Mundo do Brasil (2014), dos Jogos Olímpicos de Londres (2012) e do Rio de Janeiro (2016) e dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro (2007) e de Toronto (2015).

- **Paulo Pinto** foi o primeiro lugar no Concurso Panasonic e Santos Futebol Clube sobre fotos de futebol (2005), Menção Honrosa no Concurso Kodak – PC Word EUA de fotos digitais (2006) e Abear de Fotografia (2017), entre outras premiações.
- **Roberto Nonato** é jornalista e apresentador do programa *Lado B da Bola* na rádio CBN. Já trabalhou como comentarista esportivo, fez cobertura de estúdio na Copa do Mundo da África (2010).
- **Vitor Guedes** é jornalista e atua como jornalista esportivo desde 1998. É professor na Universidade Guarulhos, e assina a coluna *Caneladas do Vitão*, no *Agora São Paulo*, além de atuar como debatedor no programa *Os Donos da Bola*, na TV Bandeirantes.

Interpretação dos dados

As análises dos dados trazem elementos que merecem detalhamento:

- a) **A mediação da cobertura jornalística é pautada, sobretudo, por uma determinação mercadológica**, tendendo a ser simplificadora quando reforça aspectos triviais da disputa, como a rivalidade, ou mesmo diante da reprodução de clichês e/ou tendências.

180

Gerd Wenzel é enfático ao citar claramente a lógica do mercado como primordial para o jornalismo, chamando atenção para os direitos de cobertura nas mãos de uma emissora de televisão do Brasil: “Os direitos televisivos dos jogos da Seleção Brasileira são de exclusividade da Rede Globo de Televisão, que pode vender / ceder ou não, quotas de retransmissão para outros canais. Ou seja: quando se fala em jornalismo esportivo brasileiro que envolva a Seleção Brasileira, de fato, estamos falando da Rede Globo (WENZEL, 2018).

E continua o entrevistado, reforçando o aspecto mercadológico da cobertura:

A razão pela qual se opta por este tipo de transmissão é mercadológica: é aquilo que o mercado demanda. Enquanto prevalecer esta abordagem durante a transmissão de um jogo de futebol, não se pode dizer que, de fato, haja uma cobertura jornalística. Prevalece o entretenimento ufanista do tipo “Pra frente, Brasil” em detrimento da verdade, da verdade factual (WENZEL, 2018).

Já Francisco José Bicudo Pereira Filho analisa a cobertura esportiva como reducionista, limitada apenas aos aspectos da partida. Para ele, há conexões que ampliariam e quebrariam os limites da pauta:

(...) o jornalismo brasileiro precisa escapar dessa discussão mais pontual, restrita, reducionista e limitada. Sem esquecer o que é o jogo, obviamente, deve tentar construir versões da realidade que sejam mais plurais, amplas, contextos com antecedentes, consequências e reflexões. Incluir aí outras conexões sociais, culturais e políticas externas, buscando a convivência multicultural na área das relações internacionais (PEREIRA FILHO, 2018).

Em alguns momentos, no entanto, a cobertura das partidas parece ser seduzida pelos clichês, como a de um país marcado pela arte e outro pela organização, como exemplifica Roberto Nonato:

(...) num primeiro momento, 2002, o Brasil foi exaltado como o país que resolve no improviso, na simples arte. Quando chegamos a Copa de 2014, o planejamento alemão é exaltado, mas também sem esquecer da técnica apurada dos seus atletas. Ao que parece, o equilíbrio entre esse método da Alemanha e essa técnica natural do Brasil seria a chave efetiva para o sucesso (NONATO, 2018).

Tendências da contemporaneidade também servem de referência para a cobertura jornalística. Nonato traz essa questão, revelando uma outra leitura:

181

Outro ponto que chamou a atenção foi a profusão de “memes” na internet, muitos deles partindo dos alemães e mostrando que eles também têm senso de humor e não são tão frios quanto aparentam. A cobertura jornalística em momentos como esse também é interessante para ressaltar aspectos das culturas dos países e, nesse sentido, são inevitáveis comparações entre as nações (NONATO, 2018).

Nesse sentido, reforça-se o pensamento de Shoemaker e Vos (2011) sobre mediações e sobressaem-se também as considerações de Hall (2005) sobre as contradições que marcam a sociedade global.

b) A experiência da cobertura esportiva mostra que o melhor caminho é limitar a rivalidade entre os países ao campo de jogo, reforçando extracampo o multiculturalismo e os valores do esporte:

O jornalista Vitor Guedes, em poucas palavras, revela que a tensão e a rivalidade são marcas do campo de disputa: “Futebol é futebol e rivalidade esportiva não tem nada a ver com rivalidade e tensão entre povos e países” (GUEDES, 2018).

Essa afirmação é ampliada por Paulo Pinto, quando destaca e analisa os valores do esporte dentro de uma ótica jornalística:

(...) o jornalismo brasileiro lida bem com essas diferenças e as torna de fácil assimilação a todos que acompanham e procuram entender essa magia do esporte. Fazendo com que o esporte seja um fio condutor a troca de ideias e ao bom relacionamento entre os povos. Pois a cada

dia vemos que, apesar de adversários em campo, essas equipes podem se mostrar mais unidas como gente, como seres humanos. Isso, o jornalismo já aprendeu e sempre exalta essa iniciativa. (GUEDES, 2018)

Nonato também é claro em relação aos aspectos que reforçam o multiculturalismo fora do campo de disputa:

(...) o jornalismo esportivo do Brasil, salvo as exceções de praxe, precisa de mais análise e menos paixão, menos torcida. Claro que o latino é mais emotivo que outros povos, mas a dosagem desses sentimentos com análise crítica seria o ponto central a ser buscado pelo jornalismo esportivo do Brasil. Quanto aos espaços de multiculturalismo, entendo que nos períodos de jogos de Copa do Mundo esses aspectos são bem ressaltados na cobertura esportiva, proporcionando aos leitores, telespectadores e ouvintes uma troca de culturas e conhecimentos com outras Nações. Aliás, nada melhor que o esporte para fazer essa integração (NONATO, 2018).

Nesse sentido, vem à tona o pensamento de Shoemaker e Vos (2011) sobre a notícia como *newsmaking*, estando subordinada a uma lógica organizacional e de mercado. Vale observar também que, ao optar por uma cobertura que se prende à rivalidade dos times dentro de campo, os *gatekeepers* terminam por trabalhar dentro de um *padrão homogeneizante*, ao gosto dos discursos e formas de mediação que proliferam na globalização, como as questões relacionadas aos valores do esporte e ao multiculturalismo, reforçando-se o pensamento de Hall (2005).

182

- c) **Em oposição à pretensa neutralidade que sustenta a cobertura esportiva, há pontos de fuga em que os *gatekeepers* realçam o ufanismo pela Seleção Brasileira e também a admiração pela Seleção Alemã.** Isto não chega a contradizer o item anterior (2) e termina claramente por reforçar o item (1).

Nonato traz elementos que argumentam bem essas questões: “O jornalismo esportivo no Brasil sempre foi muito ufanista e passional. Com a Copa de 2002 não foi diferente. O jornalismo ressaltou a arte dos brasileiros, a técnica e improvisado de seus atletas, como sendo peças fundamentais para a conquista do Mundial (NONATO, 2018). Em seguida, afirma o entrevistado:

Em contrapartida, na Copa de 2014, foi preciso lembrar o trabalho e planejamento dos alemães para conquistarem o torneio. A ideia de um país que se preparou e soube apostar no longo prazo foi amplamente debatida pelos jornalistas. A comparação, então, foi inevitável. O Brasil precisava aprender a ter planejamento e o melhor exemplo vinha da Alemanha após o famoso “7 a 1” (NONATO, 2018).

Wenzel cita um *gatekeeper* em especial para caracterizar essa dimensão

da “paixão” dos brasileiros pela Seleção Brasileira: “(...) ao insistir, não apenas no entretenimento, mas também no discurso dicotômico ‘nós’ versus ‘eles’, uma expressão que, por sinal, permeia as narrações de Galvão Bueno em jogos da Seleção Brasileira, a emissora fomenta o acirramento em vez de promover a convivência com o diferente (WENZEL, 2018).

O jornalismo esportivo, para os entrevistados, poderia investir em uma estrutura menos “confrontativa”, onde se sobressaem o “nós” contra “eles”, e trabalhar uma estrutura que valorize a complexidade das relações. Para alguns deles, a cobertura atual funciona dentro de uma mera simplificação. Leite é assertivo neste ponto:

A competitividade e (*a ideia de*) vencedor e perdedor são, sem dúvidas, fatos que não podem ser ignorados no esporte, mas há de se minimizar o emocional quando isso pode extrapolar os aspectos que guiam a prática esportiva. No que diz respeito a jogos entre Seleções, isso é algo ainda mais sensível, pois envolve culturas, viajantes, turismo, além de possíveis relações diplomáticas. Quanto mais factual e analítica carente de emoções a imprensa for, melhor fará seu papel. (LEITE, 2018)

183

As trocas são analisadas por Paulo Pinto como um caminho possível à ampliação da pauta jornalística:

Em 2014, esse contato com os germânicos nos levou à reflexão de conviver com uma cultura mais dura, mais engajada na força, sem desrespeitar os direitos e os limites de cada um. Mas o contato diário foi o oposto disso. O tratamento da delegação alemã para com os brasileiros em suas respectivas sedes foi de muitos elogios pela cordialidade e simpatia, visto que de longe o povo é considerado duro, rígido, mas se mostrou amável e cordial, no dia a dia, para com os habitantes dessa terra. Os elogios não eram só em forma amabilidades, mas também de ações de empatia pura. O jornalismo brasileiro não ficou indiferente a esse tratamento. Ressaltando que esse paralelo entre esporte, política e sociedade em si, só contribuiu para um melhor relacionamento entre os povos. E hoje podemos dizer que existe um respeito maior, pois nada como a proximidade para observamos melhor o que de real existe numa troca de experiência, seja ela social, política ou cultural (PINTO, 2018).

O ufanismo pela Seleção Brasileira e a admiração pela Seleção Alemã explicam muito do porquê, se a derrota traumatiza, a vitória termina forçando a imprensa a engendrar reflexões sobre o futebol, como avalia o pesquisador e professor da Unicamp, Sérgio Settani Giglio (2002). Reforça-se, assim, o pensamento de Shoemaker e Vos (2011) sobre a notícia como produto da construção do *getekeeper*.

A presença do jornalista fica especialmente clara a partir do momento em que o locutor Galvão Bueno, da Rede Globo de Televisão, é trazido à cena desta discussão por um dos entrevistados. Isso reforça as discussões em torno da simplificação (item

1), sem contradizer o item 2 sobre a limitação da rivalidade entre os países ao campo de jogo (item 2). Mais uma vez, é também referendando o pensamento de Hall (2005), quando o autor observa que as contradições dos *padrões homogeneizantes*” da globalização respingam em seus discursos e mediação.

d) Simplificada e superficial, a busca de “humanização” do time adversário termina por resultar em estereótipos.

Wenzel reforça este aspecto:

O jornalismo brasileiro em geral e o esportivo, em particular, tanto na Copa de 2002 como na de 2014, passou ao largo das grandes questões referentes às relações entre Brasil e Alemanha. Limitou-se majoritariamente em reproduzir estereótipos sobejamente conhecidos sobre os alemães e a Alemanha. Quase nada foi dito e escrito a respeito do “momentum” da relação entre os dois países nos campos da convivência política, social e cultural. (...) Claro que houve honrosas exceções representadas pela “pequena” mídia ou mídia alternativa (colunistas, blogueiros, canais pagos, etc). Contudo, com pouca ressonância, atingindo tão somente nichos ou segmentos específicos de público (WENZEL, 2018).

Embora fazendo uma análise positiva da cobertura feita pela mídia da Alemanha, Padeiro permite entrever que a imprensa alemã agiu da mesma forma, ao levar os jogadores ao convívio com os índios.

184

Na Copa do Mundo de 2014, disputada no Brasil, outro ponto a ser destacado foi o trabalho de comunicação realizado pela Seleção da Alemanha. A delegação alemã foi visitar tribos indígenas na Vila de Santo André, na Bahia. Alguns jogadores tocaram instrumentos musicais típicos dos indígenas. Essa ação, planejada estrategicamente pelos dirigentes europeus, teve um efeito positivo para fortalecer o vínculo dos alemães com os brasileiros que vivem naquela região onde eles estiveram hospedados. A ação teve ampla repercussão na imprensa nacional e contribuiu para a imagem construída pelos alemães perante todo povo brasileiro (PADEIRO, 2018).

Nesse sentido, reforça-se o pensamento de Shoemaker e Vos (2011) sobre a notícia como *newsmaking*. Ao mesmo tempo, chama atenção, novamente, o *padrão homogeneizante*”, ao gosto dos discursos da globalização. Desta forma, reforçando-se perspectiva teórica de Hall (2005).

e) A qualidade da apuração e da narrativa pode ser um antídoto à superficialidade e aos estereótipos. Se os discursos *standardizados* da cobertura dos Mundiais, do ponto de vista dos jornalistas brasileiros, estão preocupados em conter uma *proliferação subalterna da diferença*, é necessário superá-la. Esta necessidade é levantada, de forma sutil, pela maior parte dos entrevistados quando se referem aos padrões que determinam a cobertura esportiva e sua subordinação ao mercado.

A crítica à falta de isenção da cobertura, feita por Wendel pessoa de Galvão Bueno, e por Leite – “(...) há de se minimizar o emocional quando isso pode extrapolar os aspectos que guiam a prática esportiva” (LEITE, 2018) –, descritas no item acima (3), dão pistas disto. Entretanto, é Francisco José Bicudo Pereira Filho quem coloca este elemento de forma bastante clara:

(...) o jornalismo esportivo brasileiro precisaria caminhar justamente na perspectiva de construção de narrativas – claro que elas são específicas, singulares e dão conta de um cenário, de uma realidade ou, pelo menos, de um espaço que é o do futebol. Entendendo que o futebol não é uma caixinha, uma redoma de vidro isolada de outras relações, sobretudo no caso do futebol brasileiro que representa tanto paixões, identidades, inclusões, exclusões, mais recentemente elitização e relações estabelecidas de outras naturezas (PEREIRA FILHO, 2018).

E segue o entrevistado:

Acho que o jornalismo brasileiro precisa escapar dessa discussão mais pontual, restrita, reducionista e limitada, sem esquecer o que é o jogo obviamente, mas tentar construir versões da realidade que sejam mais plurais, amplas, contextos com antecedentes, consequências e reflexões, também com outras conexões sociais, culturais, de políticas externas, buscando sim essa convivência multicultural na área das relações internacionais. (...) Eu gostaria muito que o jornalismo esportivo brasileiro, futebolístico especificamente falando, que é o nosso caso, pudesse investir mais em apuração, pesquisa, relatos, testemunhos, documentações, entrevistas, perfis e, sobretudo, em reportagens. Aquela perspectiva absolutamente simples do ponto de vista conceitual, mas profundo na sua dimensão prática, que é a arte de contar bem boas histórias (PEREIRA FILHO, 2018).

185

Nesse sentido, vale a pena destacar os estudos de Lever (1983) ao contrapor o futebol sul-americano – onde se insere o brasileiro – a uma perspectiva de alegria, ritmo e improvisação, ao europeu – portanto, alemão – a preocupações com força, determinação e trabalho em equipe. Talvez sejam exatamente estes aspectos que brasileiros e alemães, respectivamente, devam acrescentar em suas mediações esportivas.

Reforça-se, enfim, o pensamento de Shoemaker e Vos (2011) sobre a notícia como construção, onde, de forma *ecológica*, articulam-se diferentes interesses e personagens. Mas, acima de tudo, ao propor uma revisão das narrativas sobre / de futebol, Bicudo – bem como os demais entrevistados – endossam a ideia de contradição que Hall (2005) apontam, no seio da globalização, a incessante busca de homogeneização cultural que se dá, em parte, nos discursos da mídia.

Considerações finais

Constrangida pelo lucro, a cobertura esportiva fica limitada ao espetáculo e ao uso e reforço de estereótipos, clichês e tendências sobre os países e suas populações, desperdiçando, assim, algumas chances de ampliação da notícia. Uma delas, a de pautar e fazer conhecer mais a fundo os valores e os ensinamentos do esporte. Histórias de vida dos atletas e equipes poderiam ser contadas, estimulando a prática do esporte e o *fair play*. Da mesma forma, questões relacionadas à gestão do esporte, desde a preparação das equipes até aspectos econômicos, históricos e políticos que envolvem a Copa do Mundo, tanto no Brasil como na Alemanha, poderiam ser analisadas como modelo de desenvolvimento. Por fim, desperdiça-se a possibilidade de se construir caminhos para uma maior compreensão do que é o esporte em cada uma das nações.

Os resultados desta pesquisa colocam o Jornalismo – notadamente o esportivo – diante problemas cruciais da área. Se, por um lado, as determinações econômicas estimulam a trazer à tona as críticas às estratégias da globalização, por outro, enfatiza tensões e conflitos profissionais de *gatekeepers* que compreendem a complexidade e a riqueza do futebol e dos Mundiais como uma janela para fazer saber as peculiaridades das culturas e dos povos.

186

Portanto, a análise do conteúdo das entrevistas permite observar que estes resultados – construídos por um discurso que, embora tente ser homogeneizante, encontra em seu percurso aspectos que contradizem essa mesma homogeneização – contribuíram para que os povos destes dois países pudessem ensaiar alguma forma de empatia, traduzida em uma admiração mútua pelo futebol e pelas conquistas de ambos (seja em campo ou extracampo).

Esta pesquisa confirma parcialmente a hipótese central. Se os jornalistas brasileiros, no seu trabalho de cobertura buscam de fato estabelecer *pontos de vista* para além do campo esportivo, eles também são constrangidos, sobretudo, por interesses mercadológicos e pelo padrão de cobertura vigente. Assim, os profissionais terminam por conter a cobertura à rivalidade dentro de campo, tendo pouco espaço para narrativas que deem conta da diversidade e das dimensões multiculturais entre Brasil e Alemanha.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Extra Coleção. Lisboa: Edições 70, 2008.

CARLOS, Neide Maria; MARQUES, José Carlos. *Fotojornalismo esportivo e a*

cobertura da derrota. IN: *Revista discursos fotográficos*, Volume 12. Número 20. Londrina, p. 38-62, 2016.

FONSECA, Ouhides João Augusto da. *O cartola e o jornalista: influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, 1981.

GIGLIO, Sérgio Settani. *Futebol-arte X futebol-força: a opinião dos técnicos*. Relatório de pesquisa de Iniciação Científica. Orientação: Jocimar Daolio. Campinas (SP): Universidade de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2003. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/Giglio-Futebol-Arte-x-Futebol-For%C3%A7a.pdf> Acesso em 1º de junho de 2019.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HELAL, Ronaldo George. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1981.

SHOEMAKER, Pamela J; VOS, Tim P. *Teoria do gatekeeper: seleção e construção da notícia*. São Paulo: Editora Penso, 2011.

Entrevistas

PADEIRO, Carlos Henrique de Souza (2018). Entrevista concedida por e-mail aos autores. São Paulo, 25 mar. 2018.

PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo (2018). Entrevista concedida por WhatsApp aos autores. São Paulo, 21 mar. 2018.

WENZEL, Gerd (2018). Entrevista concedida por e-mail aos autores. São Paulo, 24 mar. 2018.

LEITE, José Ricardo Campos (2018). Entrevista concedida por e-mail aos autores. Rio de Janeiro, 21 de mar. 2018.

PINTO, Paulo (2018). Entrevista concedida por e-mail aos autores. São Paulo, 23 mar. 2018.

NONATO, Roberto (2018). Entrevista concedida por e-mail aos autores. São Paulo, 19 mar. 2018.

GUEDES, Vitor (2018). Entrevista concedida por e-mail aos autores. São Paulo, 29 mar. 2018.

Notas

¹ Doutor em Ciências da Comunicação e professor do curso de jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, ambos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e pesquisador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (ALTERJOR). Atualmente, reside em Berlim, na Alemanha.

³ Os jornais analisados foram: A Gazeta (Espírito Santo), Diário Catarinense (Santa Catarina), Gazeta do Povo (Paraná) e O Povo (Minas Gerais).

⁴ Disponível em: <http://www.bundesliga.com.br/gerd-wenzel/> Acesso em 30 de março de 2018. 188